

Pressupostos filosóficos da “cultura do encontro” no pensamento pastoral do papa Francisco

Gabriel Perissé¹

Resumo: Neste breve estudo sobre o conceito de “cultura do encontro” no pensamento pastoral do Papa Francisco, pretende-se depreender: (1) quais os seus possíveis pressupostos filosóficos, (2) que autores provavelmente influenciaram o papa na formulação e explicitação de tal cultura, e (3) quais os seus eventuais desdobramentos no campo da ética e da religiosidade.

Palavras Chave: cultura do encontro, Papa Francisco, filosofia do encontro, ética.

Abstract: The objectives of this article about the concept of “culture of encounter” in the pastoral thought of Pope Francis are: (1) to investigate any philosophical assumptions of this concept, (2) to deduce what authors influenced the pope in the formulation and explanation for this culture, and (3) to understand the possible developments in the field of ethics and religiosity.

Keywords: culture of encounter, Pope Francis, philosophy of encounter, ethics.

Introdução

A exemplo da expressão “civilização do amor”, empregada por Papa Paulo VI, e com frequência retomada por João Paulo II e Bento XVI em diversos documentos e discursos, também o mote “cultura do encontro”, do atual sumo pontífice, Papa Francisco, enfatiza a importância de uma determinada compreensão do mundo atual e da realidade humana, convidando os cristãos a adotarem novas atitudes perante os seus contemporâneos.

Aliás, “civilização do amor” e “cultura do encontro” são semanticamente expressões mais próximas do que poderia parecer à primeira vista. De fato, “civilização”, para efeitos de latim eclesiástico, corresponde à expressão *civilis cultus*,² como na Carta Apostólica *Pacis nuntius* (24/10/1964) de Paulo VI, em que São Bento é denominado *civilis cultus magister* (“mestre de civilização”), ou como na Encíclica *Sollicitudo rei socialis* (30/12/1987), de João Paulo II, ao mencionar o *civilis cultus amoris* (“civilização do amor”), uma civilização fundada no amor a Deus e ao próximo.

A palavra latina *cultus*, que remete, em suas origens etimológicas, à arte de trabalhar a terra, cultivá-la, cuidar do desenvolvimento vegetal e colher os melhores frutos, alcança também o “solo” religioso, ao qual é sumamente necessário (para que brote o alimento do espírito) dedicar cuidado e atenção. Entre a agricultura *stricto sensu* e o cultivo do terreno divino existem outras dimensões cúlticas: cultivam-se os valores, cultuam-se os heróis, reverenciam-se os antepassados, veneram-se os santos, plantam-se e enraízam-se ideias, cultiva-se a memória, fecunda-se a imaginação, aprimora-se a linguagem, cultiva-se a amizade, cultiva-se o hábito da leitura, cuida-se do meio ambiente, cultivam-se as artes, aperfeiçoam-se as instituições, comemoram-se datas importantes, celebram-se ritos, cultiva-se o campo da política, civiliza-se a convivência etc.

¹ Doutor em Filosofia da Educação (USP) e escritor - perisse@uol.com.br

² O *Diccionario auxiliar español-latino para el uso moderno del latín*, de José Juan del Col, traz algumas soluções em latim para expressões de hoje como *civilis cultus rerum consumendarum* (“civilização consumista”) e *amoris vitaeque cultus* (“civilização do amor e da vida”). Outras possibilidades para o termo “civilização” são: *cultus humanus*, *animorum cultura*, *humanitatis cultus* e *humanus civilisque cultus*.

Diferentemente, porém, da expressão “civilização do amor”, esta outra, “cultura do encontro”, ainda que de certo modo entrelaçada àquela, apoia-se numa concretude mais explícita, mais corpo a corpo. Trata-se, o “encontro”, por outro lado, de uma categoria filosófica com a qual muito certamente o Papa entrou em contato durante seus estudos nas décadas de 1950-1960 e, mais tarde, em meados de 1980, quando procurou aprofundar o pensamento de Romano Guardini.

A pergunta a formular, então, é a seguinte: em que consiste, filosoficamente falando, a “cultura do encontro” no pensamento pastoral do Papa Francisco?

Antes, contudo, de procurar responder a essa questão, vale a pena fazer uma curta viagem ao passado, em busca da “cultura do encontro” em outros territórios.

Cultura do encontro

A “cultura do encontro” não pode ser reduzida a mero *slogan* da moda no ambiente intraeclesial. Embora utilizada em inúmeras ocasiões pelo atual papa, e passível de ser repetida um tanto automaticamente pelos admiradores de Francisco, percebe-se nessa expressão um conteúdo refletido, uma história conceitual e uma densidade de sentido que merecem investigação.

Confiando (sempre *cum grano salis*) nos mecanismos de busca da internet, pode-se afirmar que, ao menos em língua espanhola, um dos primeiros a empregar a expressão “*cultura del encuentro*” foi o pesquisador espanhol Agustín Talavera, especialista em antropologia do turismo, no seu livro *Ensayos de antropología cultural*, publicado em 1996.

No contexto turístico, “cultura do encontro” é o resultado de uma influência recíproca entre o turista e o nativo, que recebe e acolhe em sua terra aquele que o visita. São duas visões de mundo, dois estilos de vida diferentes, mas no momento em que visitante e anfitrião trocam informações e convivem por algum tempo, produz-se uma mudança cultural. Nesse encontro, um pode adquirir certos comportamentos do outro, conhecer e balbuciar certas expressões idiomáticas do outro, pode experimentar novos alimentos, assumir algum item do vestuário alheio.

Sem dúvida, tal acepção é insuficiente, se quisermos ultrapassar o nível turístico, que habitualmente é bastante circunstancial. De qualquer modo, mesmo neste caso, já se percebem traços filosoficamente sugestivos neste tipo de fenômeno inter-humano, em que representantes de duas culturas distintas começam a configurar uma terceira cultura, como fruto do intercâmbio. E não se descarte a eventualidade dessa cultura do encontro adquirir maior intensidade, caso as permutas se prolonguem e se aprofundem.

Ainda adotando extrema cautela numa consulta aos “arquivos” virtuais, é possível descobrir na internet algumas pistas de usos da expressão “cultura do encontro” em lugares e situações anteriores ao magistério do Papa Francisco, que a popularizou rapidamente a partir de 2013, imprimindo-lhe caráter pastoral, sem prejuízo de sua consistência filosófica.

Antes de 2013, por exemplo, em inglês, a expressão “*culture of encounter*” aparece num documento do Conselho Mundial de Igrejas, publicado em 2005: *Practising hospitality in an era of new forms of migration*.³ Numa das recomendações finais do documento, lê-se:

³ <https://www.oikoumene.org/en/resources/documents/commissions/international-affairs/human-rights-and-impunity/practising-hospitality-in-an-era-of-new-forms-of-migration>

To affirm a culture of encounter, hospitality and cordial welcome for migrants, and to identify positive examples where churches have worked together effectively to offer alternatives to restrictionist policies.

Esta “cultura do encontro” pressupõe agora um quadro de sofrimento, em que se esperam respostas mais incisivas por parte de quem se comprometeu a viver os valores da solidariedade e da compaixão.

Em francês, “*culture de la rencontre*”, e em italiano, “*cultura dell’incontro*”, as referências que podem ser pinçadas no universo virtual, antes dos discursos e textos do Papa Francisco, são esporádicas e vagas. Podem estar associadas a iniciativas missionárias, a terapias alternativas, a movimentos sociais. Nada que mereça demasiada atenção para efeitos deste trabalho.

Direcionando a busca “internética” para a mesma expressão, em alemão, “*Kultur der Begegnung*”, descobrem-se, no âmbito da filosofia cultural, os trabalhos de Rolf Elberfeld, que, estudando a diversidade no mundo das artes, da cultura, da linguagem, e da própria filosofia, compreende os processos de transformação cultural como tarefa a ser retomada constantemente. Trata-se, como explica numa de suas palestras disponíveis na *web*, proferida em 2007, de uma “*Kultur der Begegnung der Kulturen*”.⁴ Esta cultura do encontro das culturas (que não dissimula, porém, o avesso dos encontros: os confrontos) implica um diálogo que aproxima tradições, desenhando no horizonte o abrangente ideal de unidade entre indivíduos e povos.

Supondo que essa busca pelos labirintos e meandros da *web*, apesar de seu alcance não absoluto, possa mostrar um pouco da incidência da expressão “cultura do encontro” no *mare magnum* do pensar e agir acessável, depreende-se que foi preciso esperar o cardeal Jorge Bergoglio tornar-se bispo de Roma para que esta noção ganhasse visibilidade em todos os quadrantes. E isso não só por se tratar de um papa a lhe conferir relevância, mas também pelo fato de, empregada por ele, ser imediatamente traduzida para vários idiomas e divulgada pelo Vaticano e pela mídia internacional.

Ao encontro do encontro

O conceito de “encontro” é central e crucial no pensamento personalista e na filosofia dialógica. Abarca todos os aspectos da vida humana. Somos seres do encontro, e é essa condição determinante, ontológica, o que nos oferece uma forma de avaliar com rigor nosso comportamento, nosso modo de viver e conviver, aferindo o grau de humanismo que imprimimos em nossas relações com os demais.

O “encontro” como categoria filosófica está presente nas obras de autores que certamente (ou, ao menos, esta é a conjectura básica deste trabalho) fizeram parte das leituras do Papa Francisco em seu período de formação jesuítica. Autores como Martin Buber, Gabriel Marcel e Emmanuel Lévinas elaboraram, cada qual ao seu modo, uma fenomenologia do encontro.

Buber supera a visão solipsista do “eu pensante”. O EU, na verdade, está sempre marcado pela relação com o TU.

Marcel, com sua veia teatral, observa o encontro e percebe que uma palavra, um olhar, um sorriso, um gesto, dirigidos ao outro, tornam-se atos criativos,

⁴ *Kultur als Begegnung der Kulturen* - <https://www.bpb.de/system/files/pdf/H4STJ8.pdf>

revelando-nos mutuamente como seres dialógicos, e, subjacente a tudo isso, a unidade do NÓS.

Lévinas também olha para a concretude do encontro, para este “face a face dos humanos”, dotado de uma indeclinável significação moral.

O termo “encontro”, e sua riqueza conceitual, é constantemente empregado pelo Papa Francisco, mas importa de modo especial localizar esse termo quando estiver de modo mais explícito impregnado do pensamento dialógico desses autores. É o caso desta passagem da sua primeira Encíclica, *Lumen fidei* (29/06/2013), em que o papa aplica a realidade deste “viver em relação” à própria compreensão da fé do cristão e do nosso modo de conhecer a realidade revelada:

Como se pode estar seguro de beber no “verdadeiro Jesus” através dos séculos? Se o homem fosse um indivíduo isolado, se quiséssemos partir apenas do “eu” individual, que pretende encontrar em si mesmo a firmeza do seu conhecimento, tal certeza seria impossível; não posso, por mim mesmo, ver aquilo que aconteceu numa época tão distante de mim. Mas esta não é a única maneira de o homem conhecer; a pessoa vive sempre em relação: provém de outros, pertence a outros, a sua vida torna-se maior no encontro com os outros; o próprio conhecimento e consciência de nós mesmos são de tipo relacional e estão ligados a outros que nos precederam, a começar pelos nossos pais que nos deram a vida e o nome (n. 38).

Salta aos olhos também que um daqueles autores possa ser citado num documento papal, como é o caso da última citação (de Gabriel Marcel) neste parágrafo da Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris laetitia*:

Toda a vida da família é um “pastoreio” misericordioso. Cada um, cuidadosamente, desenha e escreve na vida do outro: “A nossa carta sois vós, uma carta escrita nos nossos corações [...] não com tinta, mas com o Espírito do Deus vivo” (2 Cor 3, 2-3). Cada um é um “pescador de homens” (Lc 5, 10) que, em nome de Jesus, lança as redes (cf. Lc 5, 5) para os outros, ou um lavrador que trabalha nesta terra fresca que são os seus entes queridos, incentivando o melhor deles. A fecundidade matrimonial implica promover, porque “amar uma pessoa é esperar dela algo indefinível e imprevisível; e é, ao mesmo tempo, proporcionar-lhe de alguma forma os meios para satisfazer tal expectativa” (n.323).

Estas palavras de Marcel, retiradas do livro *Homo viator: prolégomènes à une métaphysique de l’espérance*, aparecem aqui para corroborar o que há de misterioso e transcendente no encontro interpessoal. Manifestam igualmente esta característica tão definidora do encontro que é a mutualidade, uma vez que esperar algo, e ao mesmo tempo proporcionar (de alguma forma) os meios necessários àquele de quem se espera uma resposta, é atitude inscrita já numa relação que só poderia ser bidirecional.

Quanto a Emmanuel Lévinas, numa entrevista ao jornal francês *La Croix*, em maio de 2016, o Papa Francisco deixa entrever (de um modo espontâneo, simples, mas sempre muito atento a cada palavra proferida) que em sua bagagem de leituras filosóficas este pensador judeu-lituano-francês ocupa lugar de destaque:

*L'Église y [na França] possède une capacité créatrice. La France est aussi une terre de grands saints, de grands penseurs: Jean Guitton, Maurice Blondel, Emmanuel Lévinas – qui n'était pas catholique –, Jacques Maritain. Je pense également à la profondeur de la littérature.*⁵

O Papa cometeu um (significativo) ato falho em sua resposta, que ele corrige mas não descarta. Na verdade, a inclusão de um pensador judeu entre pensadores católicos, ao lado de importantes referências católicas naquele país, faz sentido aqui, se pensarmos no espírito que anima a cultura do encontro. Este pequeno ato confundente do Papa revela, por outra parte, sua visão mais ampla do tipo de filosofia que pode contribuir para a vida da Igreja hoje.

O ideal da unidade

Uma hipótese a mais com respeito às leituras (de ontem ou de hoje) do Papa Francisco em torno do conceito de “encontro” remete ao pensador espanhol contemporâneo, Alfonso López Quintás, que, por sua notória relação com Romano Guardini (filósofo e teólogo cuja obra o papa estudou profundamente numa época em que viveu na Alemanha, na década de 1980), talvez seja uma outra referência para as suas reflexões de caráter ético e pastoral.

Como se sabe, antes de ser ordenado bispo, padre Jorge Bergoglio residiu na Alemanha por algum tempo. Em 1986, estava ali, entre outras razões, para estudar a obra de Romano Guardini e escrever sua tese de doutorado, que acabou por não concluir. Esse tempo de leitura e reflexão foi, porém, decisivo para o futuro do seu magistério. Na redação da Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*, encontramos a influência de Guardini quanto a alguns critérios fundamentais para a consecução do bem comum e da paz social, particularmente a convicção de que a unidade prevalece sobre os conflitos.

O ideal da unidade está no cerne da cultura do encontro. Mais do que uma ideia, é um ideal, uma vez que mobiliza não apenas o pensar abstrato mas o ser humano em sua integralidade. López Quintás, em mais de seus 40 livros, têm escrito sobre o ideal da unidade e o poder do encontro e, por sua profunda afinidade com Romano Guardini, cabe levantar a hipótese de que algo da sua autoria tenha chegado às mãos do papa.

De qualquer modo, López Quintás pertence a esta família intelectual, do pensamento personalista e dialógico, família da qual Romano Guardini é um dos principais mentores. E a esta família de pensadores vincula-se o Papa Francisco, como se evidencia em seus textos, falas e ações.

Segundo a cultura do encontro, a pessoa humana se desenvolve e descobre o sentido do seu viver quando se abre à realidade concreta, ao seu entorno, e aos outros. Um cristão fechado em si mesmo ou uma Igreja mais preocupada em defender-se do que em criar espaços de encontro e diálogo são exatamente o contrário do ideal da unidade.

Para Guardini, não faz sentido falar em “personalidade” se não se fala na relação essencial da pessoa com a vida comunitária. Onde não há encontro, onde não há esse entrelaçamento de possibilidades entre as pessoas, que transfigura as

⁵ <http://www.la-croix.com/Religion/Pape/Le-pape-Francois-a-La-Croix-En-France-l-Eglise-possede-une-capacite-creatrice-2016-05-16-1200760523>

realidades e os próprios indivíduos, também não há possibilidade de viver eticamente ou religiosamente.

Encontro com Francisco

A expressão “cultura do encontro” surge em vários momentos nos documentos e discursos do Papa Francisco. Eis aqui uma brevíssima seleção desses momentos.

Na *Evangelii gaudium* (24/11/2013), há uma única menção, precedida por uma distinção (povo x massa), que (é possível) foi colhida de considerações feitas por López Quintás. A passagem da Exortação Apostólica é a seguinte:

Em cada nação, os habitantes desenvolvem a dimensão social da sua vida, configurando-se como cidadãos responsáveis dentro de um povo e não como massa arrastada pelas forças dominantes. Lembremo-nos que “ser cidadão fiel é uma virtude, e a participação na vida política é uma obrigação moral”. Mas, tornar-se um povo é algo mais, exigindo um processo constante no qual cada nova geração está envolvida. É um trabalho lento e árduo que exige querer integrar-se e aprender a fazê-lo até se desenvolver uma cultura do encontro numa harmonia pluriforme (n. 220).

Fazendo aqui um parêntese, cabe destacar que a distinção entre “povo” e “massa” é recorrente na obra de López Quintás. Por exemplo:

Las personas, cuando tienen ideales valiosos, convicciones éticas sólidas, voluntad de desarrollar todas las posibilidades de su ser, tienden a unirse entre sí solidariamente y estructurarse en comunidades. Debido a su interna cohesión, una estructura comunitaria resulta inexpugnable; puede ser destruida desde fuera con medios violentos, pero no dominada interiormente por vía de asedio espiritual. Si las personas que integran una comunidad pierden la capacidad creadora y no se unen entre sí con vínculos firmes y fecundos, dejan de integrarse en una auténtica comunidad; dan lugar a un montón amorfo de meros individuos: una masa. El concepto de masa es cualitativo, no cuantitativo. Un millón de personas que se manifiestan en una plaza con un sentido bien definido y sopesado no constituyen una masa, sino una comunidad, un pueblo. (LÓPEZ QUINTÁS, 2001, pp. 50-51)

Voltando à cultura do encontro, numa reunião com os bispos norte-americanos, em 23 de setembro de 2015, disse o papa:

Sé bien que tienen muchos desafíos y que a menudo es hostil el campo donde siembran y no son pocas las tentaciones de encerrarse en el recinto de los temores, a lamerse las propias heridas, llorando por un tiempo que no volverá y preparando respuestas duras a las resistencias ya de por sí ásperas.

Y, sin embargo, somos artífices de la cultura del encuentro. Somos sacramento viviente del abrazo entre la riqueza divina y nuestra pobreza. Somos testigos del abajamiento y la condescendencia de Dios, que precede en el amor incluso nuestra primera respuesta.

El diálogo es nuestro método, no por astuta estrategia sino por fidelidad a Aquel que nunca se cansa de pasar una y otra vez por las plazas de los hombres hasta la undécima hora para proponer su amorosa invitación (cf. Mt 20,1-16).

Na homília que pronunciou durante a missa celebrada na Casa Santa Marta (Vaticano), em 13 de setembro de 2016, Francisco enfatiza qual é o “método” a ser seguido na cultura do encontro:

Nosotros estamos acostumbrados a una cultura de la indiferencia y tenemos que trabajar y pedir la gracia de generar una cultura del encuentro, de este encuentro fecundo, de este encuentro que restituya a cada persona su dignidad de hijo de Dios, la dignidad de viviente. Nosotros estamos habituados a esta indiferencia, cuando vemos las calamidades de este mundo o las pequeñas cosas: “Pero, qué pena, pobre gente, cómo sufren”, y a seguir adelante. El encuentro. Y si yo no miro – no es suficiente con ver, no: mirar – si yo no me detengo, si yo no miro, si yo no toco, si yo no hablo, no puedo tener un encuentro y no puedo ayudar a generar una cultura del encuentro.

O encontro não é uma ideia a ser debatida, e mantida no campo das discussões. Não há encontro sem uma experiência viva e sentida. Profundamente guardiniano, o Papa Francisco busca o que há de sagrado nos sentidos, e o sentido do sagrado no encontro interpessoal.

Conclusão

A cultura da indiferença e do descarte corresponde à “civilização da morte”. Na lógica da cultura do encontro, que parece concretizar com veemência a “civilização do amor” defendida pelo papado anterior a Francisco, promove-se a valorização da pessoa humana, que é sempre pessoa com outras pessoas. Não somente uma “ao lado” da outra, pois objetos também podem estar uns ao lado dos outros. A cultura do encontro é, por definição, comunitária e dialógica.

O encontro requer algumas exigências para que se realize. O mero “estar ao lado” não nos configura em “homens e mulheres do encontro” (para usar uma expressão típica do Papa Francisco). Perceber a condição ontológica de “seres do encontro” torna-se, assim, um imperativo ético, um sinal de lucidez e de boa vontade. A autocompreensão da pessoa como nascida do encontro e destinada ao encontro. E como responsável pelo outro ser humano.

O cristianismo, sob a ótica de uma filosofia do encontro, jamais poderia ser encarado como religião da autorreferencialidade, da “salvação individual”, ou muito menos como uma mentalidade política de controle e manipulação. Papa Francisco assume os pressupostos da filosofia personalista e dialógica com radicalidade, apresentando permanentemente, como nesta ocasião, em discurso pronunciado durante sua viagem ao Equador (julho de 2015), uma concepção de ser humano e ser cristão tão revolucionária quanto arquetípica:

Una y otra vez, sigue con fuerza esa pregunta de Dios a Caín: “¿Dónde está tu hermano?”. Yo me pregunto si nuestra respuesta seguirá siendo: “¿Acaso soy yo el guardián de mi hermano?”

Referências bibliográficas

DE COL, José Juan. **Diccionario auxiliar español-latino para el uso moderno del latín**. Bahía Blanca (Argentina): Instituto Superior “Juan XXIII”, 2007.

LÓPEZ QUINTÁS, Alfonso. **La tolerancia y la manipulación**. Madrid: Rialp, 2001.

LÓPEZ QUINTÁS, Alfonso. **Romano Guardini, maestro de vida**. Madrid: Palabra, 1998.

VILLA, Mariano Moreno (Org.). **Dicionário de pensamento contemporâneo**. Trad.: Honório Dalbosco e equipe. São Paulo: Paulus, 2000.

Recebido para publicação em 26-12-16; aceito em 29-01-17